

## FÓRUM

## A SAÚDE DOS PORTUGUESES FICA COMPROMETIDA SEM A INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL?

As organizações sem fins lucrativos têm ou não um papel fulcral na Saúde dos portugueses? O desaparecimento destas poria ou não em risco a vida dos portugueses? Questões subjacentes ao Fórum desta edição que fazem pensar sobre o rumo a dar à Saúde do País.



### Filipa Palha

Presidente ENCONTRAR+SE - Associação para a Promoção da Saúde Mental

No que diz respeito à saúde mental, que afeta cerca de 30% da população, há muito que a intervenção das Organizações da Sociedade Civil, das Misericórdias e das Ordens Religiosas tem sido fundamental para colmatar as graves falhas existentes no sistema de saúde.

Não sendo o objetivo deste texto fazer uma incursão aprofundada sobre o tema, basta atender à questão da reabilitação psicossocial, parte fundamental na recuperação de um problema desta natureza.

Desde os anos 80 do século passado que foram surgindo organizações da sociedade civil com o objetivo de colmatar algumas dificuldades sentidas pelas pessoas direta, e indiretamente, afetadas pela doença mental. Paralelamente às iniciativas pioneiras dos Institutos Religiosos nesta área, foi graças à iniciativa e empenhamento das ONGs e IPSS que foi possível desenvolver a maior parte das iniciativas ligadas à reabilitação psiquiátrica em Portugal.

Se considerarmos os conhecimentos atuais neste domínio, que permitem a recuperação de milhares de pessoas com experiência de doença mental grave, podemos dizer estar perante uma gravíssima falha clínica, ética e humana, minimizada pela ação de instituições da sociedade civil.

### Carlos Robalo Cordeiro

Presidente da Sociedade Portuguesa de Pneumologia



A Sociedade Portuguesa de Pneumologia (SPP) tem como objeto social promover e criar condições para proteger a saúde respiratória dos portugueses, nomeadamente através da educação e da formação profissional, nos diversos temas relacionados com a patologia respiratória, estimulando igualmente o estudo nesta área do conhecimento médico e a sua divulgação.

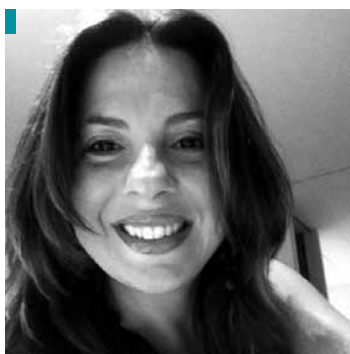
Nesta perspetiva, para além dos pilares estratégicos nucleares, que vêm orientando mais recentemente o desenvolvimento da sua atividade enquanto sociedade científica, como são as componentes da Formação, Editorial e da Internacionalização, a SPP assume atualmente um importante compromisso de sensibilização e de aumento do conhecimento da população portuguesa relativamente à doença respiratória.

Com efeito, diversas iniciativas e ações que se realizam periodicamente, assinalando datas relacionadas com a patologia respiratória, têm precisamente como objetivo informar, sensibilizar e promover a disseminação das mensagens que se julgam mais importantes, nomeadamente numa vertente preventiva.

A prevenção é, de facto, uma pedra basilar para a melhoria da condição respiratória dos portugueses, existindo três compromissos obrigatórios nesta matéria: o controlo da epidemia tabágica, a melhoria da qualidade do ar e a prevenção das infeções respiratórias.

Neste âmbito, a SPP tem sido, insistentemente, transmissora de diversos tipos de informação e de pressão estratégica para a obtenção a) do cumprimento adequado das normativas europeias relativamente ao controlo do tabaco, b) do reforço da qualidade do ar indoor e outdoor e c) da existência de um programa de vacinação mais abrangente.

Ficaria, assim, seguramente, ainda mais comprometida a saúde respiratória dos portugueses, nomeadamente da população envelhecida e vulnerável, sem a intervenção baseada no conhecimento científico que a SPP vem tentando divulgar de forma continuada.



## Lorena Crusellas

Presidente da Direção da Associação Prevenir

A Associação Prevenir, ONG sem fins lucrativos para a Prevenção e a Promoção da Saúde, existe desde 2002 com o intuito de desenvolver e avaliar intervenções que promovem de forma precoce a saúde mental e hábitos de vida saudáveis. Enquanto sua representante posso afirmar que sem o contributo do terceiro sector a este respeito, um grande número de famílias portuguesas (famílias BoP<sup>1</sup>, famílias que não têm acesso, por exemplo, a nenhum recurso das redes sociais) não é acompanhado, não recebe resposta continuada e atempada e muito menos tem a possibilidade de no caso de precisar, ter acesso a tratamentos continuados,

Já vi grandes entidades com projetos de qualidade caírem devido aos cortes nos apoios a estas organizações e serviços como o atendimento a pessoas com esquizofrenia ficarem sem continuidade. Situações destas levam à sobrecarga dos centros de saúde para que pelo menos estas pessoas possam continuar a tomar a medicação. Mas fica por dar o apoio psicológico e

psiquiátrico, entre muitos outros, dirigidos não só ao doente mas também à sua família, pondo em causa a sua qualidade de vida.

Quanto se poderia poupar no sistema de saúde com intervenções precoces e com programas de competências dirigidos aos jovens, evitando que casos de risco fiquem “pendurados” no sistema porque a resposta demora muito tempo! Caso se conseguisse estruturar uma rede mesmo que governamental com o apoio dos intervenientes diretos no terreno, muito iria ser resolvido desde o início.

## Piedade Líbano Monteiro

Presidente da Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger



Talvez de forma um pouco preconcebida, não consigo desligar o bem-estar dos portugueses, quando falamos de saúde, ação social, apoio à 3ª idade, apoio nas catástrofes naturais ou provocadas pelo Homem, das organizações da sociedade civil. E não consigo fazê-lo porque sinto que nos está nos genes, enquanto nação, enquanto forma de ser do nosso povo, que é muito dado a causas sociais e/ou humanitárias.

Este é um testemunho que nos vem de longe, iniciado nas paróquias e, como tal, com forte cariz religioso, que apoiavam (e ainda hoje apoiam) os seus mais carenciados paroquianos, passando pelas instituições privadas de cariz não religioso, hoje muito melhor organizadas e bastante objetivas na sua missão de ajudar e contribuir para o bem e ajuda em todas as realidades da sociedade onde há carência social. São estas vontades que se movem e que dizem “presente”, quando já não existe qualquer outro recurso, quando, na altura de aflição, as respostas sociais estatais se esgotam, estrangulam ou a estúpida burocracia a bloqueia.

Sim, sem dúvida alguma que a nossa saúde ficará muito comprometida se a intervenção destas organizações deixar de existir. São elas que sentem as necessidades porque vivenciam de perto, porque estão na linha da frente com quem necessita. Estão onde há lacuna onde o Estado falha ou gere mal. Dão resposta quando mais nada ou ninguém dá. São estas organizações que sentem realmente o pulsar dos problemas. São estas pessoas, que fazem nascer e perdurar as instituições que sabem exatamente onde é preciso atuar e que quase milagrosamente (... com muito trabalho!) arranjam sempre a saída para um problema insolúvel.

Vejamos: quantos bancos alimentares foram realizados este ano? Quantos movimentos novos nasceram nas paróquias, nas localidades, nos condomínios, para apoiar as necessidades primárias dos cidadãos? Em quanto aumentou o número de pessoas a necessitar de apoio? Teremos nós a noção de que a resposta a estas necessidades básicas, oferecidas pelas instituições, em substituição da máquina estatal, também se esgota? Quando isso acontecer... estamos no fim da linha.

E ainda dentro deste cenário acontece um outro, que nos leva a uma espécie de “doença coletiva” e que tem como base o desânimo, o simples fato de não se ver luz ao fundo do túnel. O que é feito do cumprimento da Declaração Universal dos Direitos do Homem? Será palavra gasta? Quando penso em cuidados com a saúde imediatamente visualizo as crianças ou as pessoas de idade, talvez por serem os mais vulneráveis, mais frágeis (penso eu...). Vem-me então à memória algumas passagens do meu dia-a-dia. Aqui deixo duas que de tão simples e básicas, não esqueço; uma de um senhor de idade que por não ter mais crédito na farmácia para os seus medicamentos, esperava que o pároco da sua paróquia lhe pudesse aviar a receita. Outra passada numa escola onde, falando-se do fraco rendimento escolar de algumas crianças, a professora comentava: “ninguém aprende de barriga vazia”!

Hoje sinto verdadeiramente que o estado da nação nos leva à tal doença coletiva, que há pouco referi. Ela não mata mas mói e corrói o nosso (às vezes perigoso) pensamento, levando-nos a alienação total em relação às vidas indignas e decadentes que por vezes nos passam pela frente.

Não estou a ser muito otimista... ou talvez sim. Também neste cenário as instituições têm um papel importantíssimo e ainda poderiam ser mais fortes do que já são. É que ajudar o outro é importante. Mas e talvez sobretudo, é essencial para aquele que ajuda. Quem dá recebe mais do que quem recebe!

Existem demasiadas pessoas inativas, mas com energia e capacidade para virar meio mundo. Elas que se ergam também, que deixem em casa a solidão e que nos acompanhem nesta longa caminhada para não deixar extinguir as instituições. Cada um à sua maneira dá a resposta certa à pessoa certa no momento certo. Até pode ser o seu vizinho do lado. Conhece-o?

1. BoP é um conceito que representa Base da Pirâmide, um termo demográfico que cobre aproximadamente 4,5 mil milhões de pessoas que vivem com menos de quatro dólares por dia na base da pirâmide económica global.